

Mavilde

(Fragmentos de um romance que não hei-de escrever)

ALICE VIEIRA

Um primeiro gesto de aborrecimento, ou, pensando bem, nem talvez fosse o primeiro, segundo ou terceiro, quem o podia saber ao certo, os gestos sucedem-se assim como os sorrisos, sabe-se lá que sorriso é este que agora sorrimos ao vizinho do lado que nos quer dar passagem no elevador, ora essa, ou saio depois, ou aquele que distraidamente lançamos no autocarro, cúmplices de sentimentos de indignação de cada vez que entra a rapariga dos pensos e nos puxa a manga, dê lá senhora, e o nosso sorriso (primeiro?, segundo?) para quem vai mesmo em frente e abana a cabeça, se estas coisas se podem admitir, e com tantos estrangeiros nas ruas, meu Deus, que vergonha, nem sei para que entrámos nós para a Europa.

Mas este terá sido um gesto de aborrecimento muito fundo, não apenas as epidémicas manifestações de vago mal-estar, a náusea entrando devagar pelo corpo, pensa «náusea» e de repente vê o livro, de capa encarniçada, passava de mão em mão no bar de Letras, corriam os anos 60 e era moda, moda que morreu como todas, embora seja vagamente triste que também os livros, mesmo os maus, o que nem era o caso, tenham modas, e nasçam e morram como as pessoas, e muitos deles, como as pessoas, nem sequer deixam no coração um vestígio permanente. Ainda hoje, quando recorda o livro com a sua mancha encarniçada na capa, se lembra de bibliotecas e cidades com cheiro a mar, como Marselha. Talvez no livro se fale disso — não se lembra e não quer voltar a lê-lo para não ter desilusões, até porque tem como princípio não reler os livros pelos quais se apaixonou em adolescente. Não me posso dar ao luxo de sobreviver sem ídolos, pensa agora muitas vezes.

Agora, enquanto o enjoo, já nem sequer repete «náusea», a vai roendo minuto a minuto, a cabeça rolando na almofada, os longos copos de água gelada bebidos golo a golo como o médico ordenara, os copos ligeiramente embaciados que Mavilde trouxe e deixou sobre a mesinha-de-cabeceira, se precisar de algum coisa é só chamar, mas tem de ser alto, porque eu na cozinha com o barulho da água e da telefonia não ouço lá muito bem. Mavilde limpando as mãos húmidas ao avental que põe na frente quando lava a louça. Mavilde que tem nome de avó ou bisavó, ou de nenhuma delas, que antes viesse o demónio e a esconjurasse — o garantira a madrinha no dia do baptizado, quando a mãe lhe dissera, a menina vai chamar-se Eva. Levava as mãos à cabeça, a madrinha, afilhada minha não tem nome de mulher de perdição, e assim o repetia, o repetia, e ninguém foi capaz de perceber que Eva amaldiçoada teria ela conhecido em seus dias de maior fulgor, ou se até mesmo a Eva de nós todos lhe parecia assim tão sinistra pelo simples facto de nos ter livrado para sempre do paraíso, ámen. Eva era o nome da minha mãe, garantira o pai mas em voz muito baixa, que a Madrinha era quem tinha o dinheiro, e não há como o dinheiro para calar reclamações, por mais justas, e para esquecer afinidades e sentimentalismos. Se não é o nome da avó, por que não o da bisavó?, perguntara o padre à boca da pia de água benta, o próximo baptizado à porta esperando vez, ao menos que esses soubessem já o nome da criança. Mas de Matilde não gostava a mãe, habituada durante nove meses a pensar em Eva, Feliciano se fosse rapaz e por igual motivo, só que o disse também em voz muito baixa, o que ao padre, de apressado, pareceu-lhe ouvir nome diferente do que dito fora, e segreda qualquer coisa para o marido, mas logo este lhe dá um ligeiro encontrão, o senhor padre é quem sabe, mulher, não armes sarilho na igreja, e ali ela se resigna mais uma vez, nem estranha, já está habituada, e reza o credo em voz alta e engana-se a meio, ainda não está bem habituada a estas mudanças ou então é falta de treino, dantes vinha todos os dias à missa, depois só aos domingos, depois só em dias de festa, agora quando calha baptizar um filho ou enterrar um parente.

Mavilde ficou, e ninguém pareceu importar-se com isso, decerto não haveria nenhuma Mavilde no rol das pecadoras ilustres e por isso a Madrinha descansou e ao fim de cada mês não falhava a lembrança: uma nota de vinte escudos que o Zé do Mouchão levava lá a casa, «de mando da senhora, com muitas recomendações». Guardava-se a nota e logo se esqueciam as recomendações que, de resto, nem sequer deviam ter existido a não ser na boca do Zé do Mouchão, para que a tarefa da caridade não parecesse tão árida, chegar e entregar a nota, assim sem mais aquelas, não caía bem, não custava nada ser simpático. Depois eram as festas, sobretudo a do Natal, em que a madrinha mandava buscar Mavilde e a fazia jantar na cozinha com os criados, coisa que evidentemente todos entendiam e aplaudiam, coitadinha da criança, nem havia de se sentir bem na sala de jantar no meio dos convidados todos, aquele barulho, o ruído de tantas vozes, e depois a caridade cristã devia fazer-se discretamente, na mesa da cozinha, longe dos olhares das visitas e do cheiro dos perfumes.

Estas coisas contava Mavilde a Rita para ver se o enjoo lhe esquecia, sempre ouvira dizer que tudo aquilo não passava de nervoso, lá em casa as mulheres pariam sem enjoos, ou deitavam filhos mortos quando as dores não vinham, sempre assim fora, mas Rita não era dessas paragens e na cidade tudo é diferente, até trazer um filho na barriga, olhem para ela. Isto pensa Mavilde, que não o diz, evidentemente, da sua boca para fora sai apenas o que sabe ser indispensável e necessário para o ordenado ao fim do mês.

Rita vira o corpo com jeito, o médico dissera tem de ter muito cuidado e sobretudo repouso



ALICE VIEIRA, 52 anos, jornalista e escritora, uma das mais prestigiosas autoras de literatura infanto-juvenil, Prémio Gulbenkian, com cerca de 30 títulos publicados, alguns dos quais (como «Rosa Minha Irmã Rosa») traduzidos e com várias edições em diversos países europeus e no Brasil.

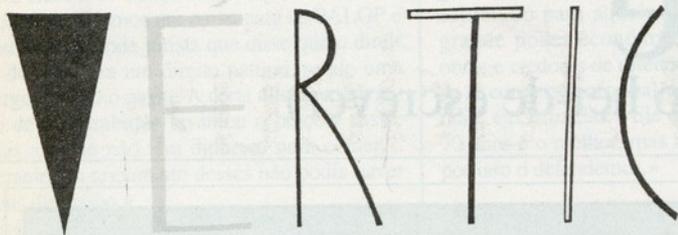
absoluto, não se enerve, não se aborreça que isso pode ser perigoso para a criança, e por todo o quarto se espalhava o cheiro a detergente, oleoso e doirado, lançado por Mavilde por sobre a água a escaldar com que lava a loiça, cheiro que acaba por se confundir com tantos outros que desde criança lhe pertencem, o cheiro do iogurte em boiões de loiça branca, o cheiro dos pinheiros na Casa da Várzea, o cheiro da água quente na banheira antes de ir para a cama, o cheiro a Ceregumil bebido nas eternas convalescenças em que lia a «Princesinha» e «O Menino Enjeitado».

O enjoo revolve-lhe o corpo todo, imagina o detergente transformado em espuma, aumentando com a pressão da água e as mãos de Mavilde que espalham o cheiro por toda a casa mas sobretudo no quarto, onde está sobre a cama, a cabeça enterrada na almofada que cheira a roupa húmida acabada de engomar. Por que será que Mavilde nunca se lembra de fechar a porta da cozinha, as vezes que já lho disse, mas hoje em dia ninguém ouviu ninguém, quanto mais uma mulher a dias que daqui a bocado se vai embora sem cuidar de mais nada, sem sequer se importar de a deixar sozinha em casa, cheia de vômitos e suores, ah se fosse no tempo em que A-do-Casimiro se sentava a seu lado numa cadeirinha baixa e espantava medos e sobressaltos.

Chama-a mas ela não ouve, de resto tinha-a prevenido, o barulho da água, o folhetim na rádio, «querias chá e pão e toucinho, querias?», meu Deus, agora o cheiro imaginado que seja do toucinho misturado com o cheiro do detergente, e o cheiro daquele quarto que não cheira a coisa nenhuma, que é o pior cheiro que existe, este enjoo aumentando sempre, respire fundo, diz o médico, que nunca teve filhos mas, como todos os que nunca os tiveram, sabe sempre melhor do que ninguém o que sentem as mulheres quando estão grávidas, ocupadas, diria a mãe de Mavilde se ali estivesse.

Levemente desce as mãos até ao ventre, barriga sempre lhe pareceu palavra tão vulgar, achatado ainda, estriado de filhos antigos e de outros que nunca o chegaram a ser, ou já o seriam, a crer no que todos os dias lhe diz a sogra, que marchou de cabeça erguida na manifestação contra o aborto, era o que faltava, as poucas vergonhas que se fazem neste mundo de Cristo, ventre agora cheio de um filho que talvez não vingue, em sangue rosado se esvaíra há dias, o susto, os outros de gestos alarmados e impotentes olhando apenas, e ela engolido vômitos e medos e chamando o médico, e o médico sobre o seu corpo repetindo calma, tenha calma, respire fundo, isso.

Agora é o som da água a encher a máquina de lavar, agora outro detergente, este decerto branco, um dos muitos que a publicidade na televisão assegura que por si só traz felicidade a uma casa, e outro cheiro a tomar lugar no corredor, nos quartos, no seu próprio corpo ▶



Revista Bimestral Preço: 1 300\$00 II Série

Uma publicação nova com uma tradição de meio século. Uma revista de intervenção cultural em sentido amplo, atenta não só à criação científica, filosófica, artística e literária, mas também à realidade económica, social e política.

n.º 64 Janeiro/Fevereiro 1995

Portugal que futuro?

Em Questão

Manuel Gusmão, *Culturas, conflito dos possíveis e emancipação* ▼ Helena Carvalhão Buescu, *Oito pontos, quatro exemplos: cultura e humanidades* ▼ E. M. de Melo e Castro, *Falta por aqui uma grande razão* ▼ Luís Raposo, *Património cultural, poder político e aparelho de estado* ▼ Carla Marina Mendes e Maria Deolinda Saraiva, *Cultura, práticas democráticas e desenvolvimento* ▼ João Ferreira Duarte, *O mecénario* ▼ José Jorge Letria, *Utopia e Projecto. Uma dimensão cultural para a política* ▼ Paula Morão, *Estudos literários e literatura portuguesa* ▼ Piedade Gralha, *A língua portuguesa na emigração e no mundo* ▼ Francisco Soares, *Propostas para uma futura política de língua.*

Em Estudo

Arlindo Manuel Caldeira, *A história do tempo presente e o seu ensino. O exemplo do 25 de Abril* ▼ Carina Infante do Carmo, *A história contada às crianças. Duas versões contraditórias do herói fundador português* ▼ Miguel Urbano Rodrigues, *Volodia Teitelboim e a aventura humana* ▼ Alfredo Pinheiro Marques, *A maldição da memória e a criação do mito: O infante D. Pedro e o infante D. Henrique nos Descobrimientos.*

Em Movimento

Luís Augusto Costa Dias, *Edição completa de Joaquim Namorado* ▼ Arquimedes da Silva Santos, *Joaquim Namorado militante da cultura* ▼ Jaime Alberto do Couto Ferreira, *Joaquim Namorado no plural...* ▼ Zillah Branco, *Aula Castela, a força da cultura galega* ▼ Rui Mário Gonçalves, *A «Primeira Exposição do Surrealismo ou Não» na Galeria S. Mamede* ▼ Helder Coelho, *A memória do círculo de Viena* ▼ Fernando Venâncio, *Vinte anos de ficção em Portugal.*

Em Trânsito

Avenidas Novas, Adília Lopes, *Metro* ▼ Ana Vaz Milheiro, *As Avenidas Novas, o pintor Malhoa e o Jovem Norte Júnior* ▼ Os Verdes Anos ▼ Marcelo Félix, *Anos depois* ▼ Fernando Guerreiro, *Postais Rasgados* ▼ Miguel Soares, *Modern interiors and architecture, the Rebirth of Cool* ▼ Carlos Guerreiro e Fernando Guerreiro, *Sampler City* ▼ Teresa Milheiro, *Violência* ▼ Carlos Natividade Corrêa, *Ozalides* ▼ Cabral Martins, *Gaiola* ▼ Fernando Guerreiro, *Postais rasgados* ▼ Paulo Varela Gomes, *Teleporte.*

Sumários da *Vértice*/1994.

Tabela de Assinaturas: (1 ano — 6 números — IVA e portes incluídos)

Portugal e Regiões Autónomas — 6.240\$00 (assin. individual), 7.410\$00 (entidades colectivas).

Macau, Guiné-Bissau e S. Tomé e Príncipe — 8.280\$00. Espanha — 6.876\$00.

Resto da Europa — 8.160\$00. Fora da Europa — 9.600\$00.

Av. Almirante Reis, 90, 7.º A — 1150 LISBOA — Telef.: 815 35 11, 815 34 87 — Fax: 815 34 95

► que todo estremece enquanto devagar ela olha para o relógio e se lembra das horas, se ali estivesse A-do-Casimiro ela não teria de se preocupar, A-do-Casimiro velava por todos quando adoeciam, e abre o pequeno frasco de comprimidos a seu lado, dois de oito em oito horas, e engole-os rapidamente para que o enjoo não volte, reparando que o frasco só tem mais dois, não lhe vão chegar para o fim-de-semana e é tão difícil encontrar uma farmácia de serviço. Tem pena, muita pena que o filho para nascer precise da ajuda de palavras tão feias como didrogestrona, pois não seria tão mais bonito que os comprimidos fossem feitos do sal das marinhas da Gafanha, ou das bagas azuis da erva-das-sete-sangrias que A-do-Casimiro apanhava junto à Casa da Várzea.

Não sabe se adormeceu, se foi apenas o tempo que voou pelos seus olhos, já lhe tem acontecido, sabe apenas de um silêncio que se estende, enorme, pelo corpo, pelo quarto, pela casa, pela telefonia de Mavilde, um silêncio como no dia em que a mãe foi a enterrar e A-do-Casimiro passou a noite inteira a seu lado, um silêncio como um estrondo, até que Mavilde chega, já sem avental, que deve ter deixado pendurado na porta da despensa, para isso lá está o prego, posto há pouco, a senhora não precisa de mais nada?

Mavilde fecha a porta devagar não sem antes ter dado custa-me deixá-la sozinha mas não posso faltar à D. Alzira, coitadinha, que ainda por cima lhe chegaram os sogros do Canadá e ela é que tem de deitar mão a tudo, a senhora ainda tem a menina Luisinha que já é uma grande ajuda, não é?, é sim, Mavilde, pode-se ir embora, obrigada.

★

Senta-se e diz estas cadeiras são iguais às do Jardim-Cinema, que graça, mas ninguém lhe responde, olham-na apenas, as mãos sobre as mesas de verga pintada de branco, iguais às cadeiras, cadeiras por sua vez iguais, que graça, às do Jardim-Cinema, mas ali ninguém sabe o que é o Jardim-Cinema, ou se sabe prefere esquecer, sempre é mais original falar nos cinemas do Quartier, do Soho, da Village, e olham-na como estranha em seu território de estrangeiros longínquos onde todos se encontram.

Comprei esta carteira naquela loja pequenina ao fundo da Monsieur Le Prince, diz Maria, e logo alguém se ri e acrescenta que na Monsieur Le Prince só se vendem porcarias chinesas, mas Maria não está para graças e murmura que isso era dantes, de certeza que ele já não vai a Paris há um ror de tempo para dizer barbaridades dessas, e então abre a carteira e mostra o forro e diz qualquer coisa sobre a qualidade do forro, mas Rita ainda não deixou de pensar no Jardim-Cinema e por isso não dá atenção, mas tem a certeza que deve ser qualquer coisa parecida com isto em Lisboa não se encontra, ou se fosse cá, custava o dobro do preço e durava metade do tempo, as conversas de Maria terminavam quase sempre assim, e ela sorri porque se lembra das etiquetas que, na sua infância, ela via A-do-Casimiro coser na gola dos casacos e das blusas, etiquetas com nomes franceses quase sempre, mas também ingleses, sobretudo se eram vestidos ou casacos de malha, etiquetas que a mãe trazia nunca soubera de onde e entregara aos cuidados da criada velha que tinha umas mãos de ouro.

De que te ris, perguntou Maria, se calhar não é verdade?, claro que é verdade, respondeu ela apenas por responder, sabe lá o que Maria disse, sabe lá se é verdade ou não, neste momento lembra-se das etiquetas cosidas entre disfarçados sorrisos, e das cadeiras de verga do Jardim-Cinema, de verga tal qual aquelas, daquele café onde por acaso foram beber a bica e onde Maria fala de carteiras e de forros.

Olha-os, demoradamente, um por um, enquanto bebem o café e pensam em Paris e Londres, aquela loja pequenina à esquina da Monsieur Le Prince, e por que não aquela loja pequenina à esquina da Rua Augusta, ou da Rua do Ouro a que a Velha sempre chamou Áurea, nas tardes de chá quente na Império, entre as amigas de véus nos chapéus e falares mansos.

Dói-lhe o corpo, lembra-se que deixou ficar o comprimido em casa e que ao chegar já passou há muito a hora de o tomar, e naquela tarde, por culpa de Maria, da carteira, das cadeiras do Jardim-Cinema, o filho há-de ficar sem a sua dose de didrogestrona, seja lá isso o que for, que a gente diz a imensa sabedoria de Mavilde, nunca se deve fiar neles.

Sabe que são horas de se despedir, a filha deve estar a chegar, Ricardo ficou de telefonar ao fim da tarde, e sobretudo há o comprimido que é preciso tomar, mas vai ficando, olhando os outros que conversam, as palavras misturando-se umas nas outras e subitamente deixando de fazer sentido, como quando na Casa da Várzea Maria imaginava inflamados discursos para as reuniões em casa de Duarte, que duravam até às tantas, até já não haver cigarros nem cerveja nem lugar onde ir buscá-los, ao tempo que tudo isso aconteceu, pensa. Nessa altura ninguém poderia sonhar que Duarte viria a ser ministro e Maria havia de aparecer na televisão a anunciar sabonetes contra as rugas.

Tirou o lenço da carteira, esta foi comprada aos ciganos no metropolitano, teve vontade de dizer, mas desistiu, que importância tinha isso, e limpou o suor da testa, e depois o suor que escorria pelo pescoço, e guardou-o de novo dentro da mala enquanto ouve a voz de Maria, lenços de papel são muito mais práticos, vai para responder, mas de novo a sensação da inutilidade das palavras, e uma enorme saudade, que estupidez!, das cadeiras do Jardim-Cinema e das tardes em que era tão bom sofrer em grandes gargalhadas quando Jerónimo fugia dos cowboys e a fita se partia e todos gritavam aproveita agora, pá, aproveita agora, e ela ria com eles, embora não estivesse muito certa se gostava assim tanto de Jerónimo, se não preferia os cowboys que eram loiros e limpos e não faziam mais do que o seu dever, e todos nós, dizia a Velha olhando para o tecto, devemos sempre cumprir o nosso dever e viver segundo as regras da Santa Madre Igreja. Um dia chegara a pensar em ir para freira, talvez porque a Velha tanto falava nisso, e a Velha tinha uma maneira estranha de falar nas coisas, assim como se tudo fosse feito para o nosso santificado destino. Por sua culpa ela preferia os cowboys a Jerónimo na correria aberta pelo ecrã do Jardim-Cinema, e escrevia redacções que as professoras não se cansavam de elogiar, e até havia uma que acabava assim — mas é preciso responder a Maria que a olha, responder a uma pergunta que não imagina qual seja mas que não tem nada a ver com a Velha ou com Jerónimo, de pena na cabeça, gritando no Jardim-Cinema, e então diz dói-me a cabeça, desculpa, enquanto Maria acende outro cigarro e fica a olhá-la a sair da mesa sem se dar ao trabalho de repetir a pergunta.